

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS POSSE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

**KELLY PEREIRA COSTA
LILIANE ALVES VILAS BÔAS**

**INICIAÇÃO AO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II NA ESCOLA MUNICIPAL EMERSON TAVARES LOPES**

**POSSE-GO
2015**

KELLY PEREIRA COSTA
LILIANE ALVES VILAS BÔAS

**INICIAÇÃO AO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II NA ESCOLA MUNICIPAL EMERSON TAVARES LOPES**

Monografia apresentado à Universidade Estadual de Goiás, junto ao Câmpus Posse, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/ Inglês, sob Orientação da Professora especialista Anádia Binda.

**POSSE-GO
2015**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE POSSE- GOIÁS
COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA – MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS - INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autores: Kelly Pereira Costa e Liliane Alves Vilas Bôas

**TÍTULO: INICIAÇÃO AO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II NA ESCOLA MUNICIPAL EMERSON TAVARES LOPES**

Monografia defendida e aprovada em 11/11/ 2015

Com NOTA _____ (), pela Banca Examinadora constituída pelos
professores:

Profª Esp. Anádia Binda

Universidade Estadual de Goiás
Orientadora

Profª Universidade Estadual de Goiás

1º Examinador

Profª. Universidade Estadual de Goiás

2º Examinador

Profª Esp. Isaura Maria Mendonça

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Profº. Ms. Alcemir Pinheiro Ribeiro

Coordenador Adjunto de Trabalho de Curso

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu pai, Sebastião, à minha mãe, Joaquina e aos meus irmãos, Marcos e Laíse, por sempre me apoiarem, incentivarem e nunca deixar desistir dessa caminhada, pelo amor, carinho e compreensão em todos os momentos.

Kelly

Dedico este trabalho, aos meus pais, que mesmo com todas as dificuldades, sempre me incentivaram e me apoiaram nessa caminhada, fazendo de tudo para que eu pudesse sempre me dedicar aos estudos, ao meu irmão que indiretamente fez parte dessa ajuda, a Marcos Paulo que sempre me deu força nos momentos de desespero com muito amor e paciência.

AGRADECIMENTO

Liliane Agradeço primeiramente ao Criador de tudo Deus, por ter me concedido o dom da vida e por me abençoar e por estar sempre ao meu lado. Aos meus familiares, que sempre foram meu abrigo, meu tudo, que me apoiaram e acreditaram no meu potencial. A Prof^o Orientadora pela confiança e dedicação. A minha amiga e companheira de TC, por acreditar na minha capacidade e não desistir da nossa parceria.

Kelly Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, a minha professora orientadora Anádia Binda, que se fez sempre presente e que não mediu esforços para que este trabalho pudesse acontecer, aos demais professores que contribuíram para eu chegar aonde cheguei, aos meus colegas de classe que me ajudaram quando eu precisei e que se tornaram grandes amigos, em especial a minha companheira de TC.

Liliane “Temos de fazer o melhor que podemos. Esta é a nossa sagrada responsabilidade humana.”

Albert Einstein

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é mostrar através da coleta de dados o impacto causado pelo primeiro contato com uma língua estrangeira, especificamente a Língua Inglesa, pelos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Emerson Tavares Lopes. Nesse sentido, busca-se investigar, fazer um panorama deste contato e da situação no qual os alunos se encontram perante essa disciplina, analisando como a Língua Inglesa é vista pelos mesmos e outras questões relacionadas ao processo de ensino/aprendizado desta língua alvo. Assim, é necessário compreender a forma como o corpo discente avalia seu aprendizado, seu professor e seu nível de dificuldade. A coleta de dados foi feita por meio da pesquisa qualitativa, fazendo uso do questionário como instrumento de investigação, onde os alunos e professores foram questionados sobre suas relações com este processo. O desenvolvimento da presente pesquisa embasou-se nos estudos de pesquisadores, como Leffa (1999), Almeida filho (2010) e Paiva (2005).

Palavras-chave: Língua Inglesa. Primeiro contato. Ensino/aprendizagem.

ABSTRACT

The main purpose of this research is to show by collecting data the impact of the first contact with the English Language by students of the 6th grade of elementary school of Emerson Tavares Lopes Municipal School. In that sense, we seek to investigate and make a panorama of this contact and the situation that students are faced with this discipline. Also, analyze how English is being seen in the conception of the students and other issues related to the teaching and learning on the target language, for example, how the student evaluate their learning, their teachers and determine their level of difficulty. Data collection was done by qualitative research, using the questionnaire as a tool where students and teachers were questioned in their relation to this process. Was necessary for the development of the same theoretical foundations of some researchers, such as Leffa (1999), Almeida son (2010), Paiva (2005).

Keywords: English. First contact. Teaching / Learning.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Você gosta de estudar Língua Inglesa?.....	38
Gráfico 2: Estudar Língua Inglesa é importante para você?.....	39
Gráfico 3: Em relação ao aprendizado de Língua Inglesa, você se sente com..	40
Gráfico 4: Como você avalia seu professor de Língua Inglesa?.....	42
Gráfico 5: Que atividades você mais gostaria de fazer em aulas de Língua Inglesa.....	43
Gráfico 6: Como foi seu primeiro contato com a Língua Inglesa?.....	45
Gráfico 7: Do primeiro dia de aula de Língua Inglesa até hoje, como você avalia seu aprendizado?.....	47
Gráfico 8: Sua opinião mudou em relação ao ensino de Língua Inglesa?.....	48

LISTA DE ABREVIATURA

LI: Língua Inglesa

LE: Língua Estrangeira

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCNs – LE: Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 LÍNGUA INGLESA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	16
1.1 A Língua Inglesa como idioma universal.....	18
1.2 A importância do inglês na atualidade.....	19
1.3 A Língua Inglesa e seu impacto no Brasil.....	21
2 LÍNGUA INGLESA E SUAS FERRAMENTAS DE ENSINO.....	27
2.1 Desenvolvimento Cognitivo e Zona de Desenvolvimento Proximal.....	28
2.2 Os alunos e o primeiro contato com LI.....	29
2.3 Perfil do professor de LI.....	30
2.4 Metodologias e práticas no ensino de Língua Inglesa.....	33 3 A
PESQUISA	35
3.1 Metodologia.....	35
3.2 Análise e discussão de dados.....	38
3.3 Resultado do questionário aplicado aos professores de LI.....	49
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	55

INTRODUÇÃO

O ensino de LI passou por várias transformações até chegar ao que se tem atualmente. Sabe-se que há pouco tempo atrás havia uma limitação e mesmo certa rejeição por parte de alguns em relação a este idioma. Muitos que se viam obrigados a estudá-la, consideravam-na um peso. Atualmente, a visão que se tem desta língua mudou muito em relação ao passado, apesar de ainda não estar inserida em todas as séries, de não ser falada ou estudada pela maioria das pessoas, a LI tem um *status* considerável em quase todas as camadas sociais.

É notório que o ensino no país, de maneira geral, vem enfrentando várias dificuldades ao longo dos anos, pois vários são os fatores que contribuem para a persistência de um ensino fraco, como a falta de recursos materiais, estrutura física precária das escolas, professores sem qualificação para o ensino, entre outros. Em se tratando do ensino de Línguas Estrangeiras, a situação ainda é um pouco mais complexa. Apesar de estar inserido no currículo escolar, o inglês não é visto com a devida importância por muitos docentes e alunos e, por isso, acaba muitas vezes sendo deixado de lado, ficando em segundo plano.

A Língua Inglesa é encontrada na grade curricular das escolas públicas somente a partir do Ensino Fundamental II, por isso muitos alunos que chegam nestas séries ainda não tiveram contato com essa disciplina. Tendo em vista o papel do inglês no mundo atual e as grandes dificuldades de ensino na maioria das escolas públicas, a presente pesquisa visa investigar como anda o ensino de Língua Inglesa no 6º ano do Ensino Fundamental II e busca saber como os alunos recebem essa nova disciplina.

Esta investigação foi desenvolvida a partir da necessidade de conhecer e descobrir qual seria a opinião dos alunos ao ter o primeiro contato com a LI em sala de aula como uma disciplina. Nesse sentido, pretende-se juntar a teoria a prática, pois foi através do estágio supervisionado que se notou a necessidade de investigar e, assim, contrair uma visão clara e precisa sobre esta questão.

Dessa forma, este trabalho procede em duas vertentes, a primeira é a parte bibliográfica, onde serão abordadas a historicidade da Língua Inglesa e a relevância de seu estudo. Para esta construção, utilizaram-se como embasamento teórico

pesquisas de especialistas da área como Almeida Filho e Maria Antonieta, além de outros que se dedicam a estudar o tema aqui proposto.

Com relação à pesquisa de campo, foi realizada por meio de um questionário aplicado ao 6º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Emerson Tavares Lopes, situada em Guarani de Goiás. Além disso, a mesma ainda tem como objetivo conhecer o pensamento destes alunos em relação ao ensino de inglês na sua escola, e por último ainda fazer um apanhado geral dos questionários aplicados, analisando os dados obtidos através de gráficos e apresentar o resultado final obtido na pesquisa, ou seja, a opinião dos alunos entrevistados.

O trabalho apresenta-se em três capítulos, sendo que o primeiro tem como título “A Língua Inglesa e seu contexto histórico”, consistindo na apresentação do percurso desta língua até chegar ao Brasil, o seu contexto atual e a importância de seu estudo. O segundo apresenta algumas ferramentas de ensino de LI, de que forma elas contribuem para o processo de aquisição de uma segunda língua e como elas podem ser utilizadas. No último capítulo encontram-se os gráficos com os resultados obtidos por meio da pesquisa realizada, abordando as concepções dos alunos e professores pesquisados.

1 LÍNGUA INGLESA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A disseminação da Língua Inglesa em todos os 5 (cinco) continentes nos últimos anos é um fato inegável, uma vez que se trata do idioma atuante em diversos campos, como nos negócios, na educação, nas comunicações, entre outros. Com toda essa magnitude no mundo atual, não se pode imaginar que tudo começou com apenas algumas tribos germânicas por volta do século 5 (cinco) D.C.

Conhecer um pouco a história deste idioma é remeter-se ao passado e colocar-se em contato com os acontecimentos da época. Saber a trajetória do mesmo, de onde e como surgiu, quais fatos ocorreram que marcaram, influenciaram ou provocaram alguma mudança sempre é de grande valia. Isso porque a busca do conhecimento deve ser uma constante na vida do ser humano.

A história da Língua Inglesa iniciou-se no atual território da Grã-Bretanha, que era uma terra muito desejada e, por isso, marcada pela invasão de diferentes povos, resultando na pluralidade em relação às suas origens e influências. Os povos Celtas, por exemplo, foram um dos principais grupos de línguas que habitaram a Europa, antes de serem quase todos exterminados pelas invasões do Império Romano. A partir deste momento, começam as influências culturais, linguísticas e juntamente com a invasão dos romanos veio à influência do latim. Este exerceu papel importante na composição do inglês, muitos vocábulos da Língua Inglesa que são utilizados atualmente trazem sinais do latim.

Depois da presença dos povos romanos, vieram as tribos germânicas, que atenderam ao pedido de ajuda dos celtas pelo abandono dos romanos. Aproveitando da fragilidade do povo celta, dizimaram a população local, acabando junto com ela a cultura e praticamente todos os traços da língua celta no inglês. Assim, as tribos germânicas com seus dialetos deram origem ao inglês.

Após estes acontecimentos, a trajetória do inglês se divide em três períodos, são eles: *Old English*, *Middle English* e *Modern English*. O primeiro período, chamando de *Old English*, variante do germânico ocidental no século IX, era a língua mais utilizada na época, sendo fortemente influenciada pelo latim até o século XI. Era

uma língua bastante diferente do inglês que conhecemos hoje, praticamente irreconhecível, tanto na parte da pronúncia como na gramática e no vocabulário. É importante destacar um fato que contribuiu para a expansão do inglês, ocorrido em 1066, intitulado a Batalha de “Hastings”, onde o rei Guilherme ganhou a batalha contra o rei dos Saxões e conquistou o reino da Inglaterra. Este evento teórico-político acabou interferindo na história da Inglaterra. Para Block (2006), esta batalha não apenas representou uma grande reorganização política, mas também alterou os rumos da Língua Inglesa, uma vez que foi a última invasão “linguística”, nesse caso de origem normanda, que a Inglaterra presenciou.

A Batalha de “Hastings” introduz o segundo período, denominado de *Middle English*, que sofreu forte influência do francês. Neste período, que durou 3 (três) séculos, eram usadas 3 (três) línguas e cada uma definia certa camada social. Conseqüentemente, o inglês é afastado da corte e perde seu prestígio de língua nobre, delimitando-se somente a classe baixa e em seu lugar destaca-se o francês, que era falado pelo grupo dominante. Em meio a isso ainda havia o latim, que era considerado a língua da sabedoria e das escrituras, usada pelos eruditos.

Apesar de toda a influência exercida pelo francês, o que realmente marcou a época foi o enriquecimento do vocabulário, mostrando que o inglês, mesmo em condição de desvantagem, não deixou de existir e, no final do século XV, prevaleceu sobre o francês e o latim, até mesmo na escrita. Baugh (1957) afirma que houve uma verdadeira “imposição cultural” do francês em relação ao inglês, uma vez que a cultura franco-normanda foi praticamente introduzida “da noite para o dia” à nação anglo-saxônica.

O terceiro período, intitulado *Modern English*, iniciou-se por volta de 1500 e se estende até a atualidade. Enquanto que o *Middle English* se caracterizou por uma acentuada diversidade de dialetos, o *Modern English* representou um período de padronização e unificação da língua. Ocorreu uma mudança complexa na fonologia, porém sem ter uma pronúncia única ou uniforme, pelo fato de existirem as variantes de sons ocasionadas por fatores regionais e sociais.

Através destes três períodos, pode-se perceber que o inglês evoluiu e adquiriu formas de acordo com diversas influências recebidas, sofrendo variações semânticas,

sintáticas e fonológicas até chegar à estrutura que possui atualmente. É importante ressaltar que, mesmo sendo negada e rebaixada em um primeiro momento pelos governantes normandos, a Língua Inglesa se sobressaiu, tomou seu lugar novamente, até chegar ao posto de língua oficial da nação britânica. Essa ascensão era uma premissa da supremacia que hoje a língua viria a conquistar.

1.1 A Língua Inglesa como idioma universal

A expansão da Língua Inglesa pelo mundo atual é um fato que tem alcançado proporções inimagináveis, nenhuma língua até então alcançou esse patamar. É o idioma que tem um grau de utilidade para os mais diversos fins, tanto no caráter de língua oficial como na condição de língua estrangeira ou segunda língua, e no mundo inteiro cresce a busca pela aprendizagem desta língua. Segundo Ianni (1997, p. 58-59), o inglês é uma espécie de “língua franca”, universal, por meio da qual se comunicam indivíduos e grupos dos mais variados interesses, “em suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais”.

Crystal (2003) apresenta dois motivos pelos quais o inglês alcançou grande relevância, se tornando a língua de amplo domínio e prestígio em todo o mundo. O primeiro motivo se dá pelo histórico-geográfico e o segundo pelo contexto sociocultural. A primeira razão compreende o crescimento do idioma mundialmente, onde os migrantes, por volta do século XVIII, levaram o idioma para várias regiões, dentre elas pode-se destacar a América, a Austrália e a Índia. No entanto, o apogeu deste crescimento se deu no final do século XIX com a ampliação do colonialismo britânico na África e no Pacífico Sul.

Outro elemento considerável desta expansão foi o fato das ex-colônias, ao alcançar sua independência como país, fazerem do inglês seu idioma oficial por volta do século XIX. A causa sociocultural diz respeito a indivíduos serem dependentes desta língua em todos os cantos do mundo; além disso, este idioma influencia positivamente na questão social e econômica. Pode-se observar, então, que a LI está inserida no mundo dos negócios, entretenimento, educação e, principalmente, no campo da informática.

A Revolução Industrial também proporcionou novas oportunidades linguísticas, pois como foi liderada pela Grã-Bretanha, que tinha como língua oficial o inglês, todo

o seu poder tecnológico e criativo fez com que seu idioma se elevasse no campo industrial e influenciasse outras vertentes, como a imprensa, o transporte, a propaganda, as comunicações e muitas outras.

A maioria dos produtos da Revolução Industrial era de procedência britânica, ou seja, num país cuja língua nativa era o inglês, quem se interessasse em estar por dentro dessas inovações, conseqüentemente teria que aprender este idioma. Com toda essa questão industrial e comercial, houve a necessidade de ter uma língua que fosse compartilhada por todos, foi a partir de então que o inglês se tornou o principal idioma presente nas reuniões internacionais. Assim, é correto afirmar que o crescimento da LI está intimamente ligado ao crescimento industrial.

1.2 A importância do inglês na atualidade

Há pouco tempo, falar ou aprender a Língua Inglesa era privilégio de poucos, pois, nem todos tinham acesso a ele. É notório que os elementos de ordem pessoal e social estavam envolvidos nesse processo, mas hoje a LI tornou-se essencial a toda camada social. É a língua internacional, vista como “universal”, presente nos mais variados campos sociais. Portanto, nesta era globalizada, saber inglês se torna cada vez mais importante, pois, nenhuma língua na atualidade conseguiu todo o prestígio e importância que o inglês possui. Algumas línguas até podem ter prestígio e influência, mas nada comparado ao grau de relevância dada a Língua Inglesa. Nesse sentido, Ortiz (2006) assinala que,

A globalização declina-se preferencialmente em inglês. Digo, preferencialmente, pois a presença de outros idiomas é constitutiva de nossa contemporaneidade, mesmo assim, uma única língua, entre tantas, detém uma posição privilegiada (p. 17).

A LI está presente em situações diversas, além disso, é o idioma oficial em mais de 50 países. A presença da mesma no mercado de trabalho é outro exemplo que mostra a necessidade de dominar um segundo idioma, uma vez que a procura por profissionais que apresentam esse requisito é altíssima, para ocupar os mais variados cargos. Além de proporcionar um aumento de salário, o inglês tornou-se imprescindível no currículo. Assim, pode-se perceber que o indivíduo que possui o domínio desta segunda língua se sobressai sobre os demais. Em relação à aprendizagem de uma segunda língua, Paiva (2005) afirma que:

Aprender a língua inglesa hoje é tão importante como aprender uma profissão. Esse idioma tornou-se tão necessário para a vida atual que, para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional, seja no campo da medicina, da eletrônica, física, etc., temos de saber falar inglês (...). Hoje, o inglês tornou-se o mais importante e essencial idioma do século XX (p. 18).

No mundo das viagens, uma grande ferramenta é o domínio da LI. Além de possibilitar a comunicação, tornando-se possível estabelecer um diálogo, pode-se adquirir ainda mais conhecimento por meio do contato com a cultura do nativo. Dominar esta segunda língua permite a comunicação com pessoas de diversos lugares do mundo, por esse motivo ela é reconhecida como a língua universal, pois é necessário haver “uma língua de contato usada entre povos que não compartilham uma primeira língua” (JENKINS, 2007, p.1).

O inglês está presente no cotidiano do brasileiro e exerce forte influência sobre a cultura deste povo (música, quadrinhos, comidas, filmes, e muitos outros). Ao analisar quantas palavras em inglês os brasileiros fazem uso, percebe-se que são muitas. Nesta perspectiva, Paiva (2010)

Desde a hora em que a burguesia brasileira acorda ao som de um FM/AM electronic Digital Clock Radio, apertando a tecla snooze para descansar mais um pouquinho, e os menos favorecidos pulam da cama, assustados com o barulho de um Westclox, made in Brasil, até a hora em que a televisão Sharp, Philco ou Panasonic é desligada e a lâmpada General Electric apagada, o povo brasileiro é, a cada instante, bombardeado por palavras de língua inglesa. (p.15).

Esta língua, de fato, é a mais procurada e utilizada como segunda língua. Hoje em dia, apesar da busca por aprender uma língua estrangeira estar cada vez maior, essa necessidade não tem um histórico muito recente, já que desde os primórdios da civilização, dominar outra língua favorecia o crescimento pessoal e profissional do falante significativamente.

O mundo não para de evoluir, e na era globalizada em que se vive no presente, aprender uma língua com todo esse valor, alcance e eficiência, é abrir portas para experiências bastante significativas. Aprender inglês tornou-se uma forma de ascensão social e cultural, pessoas que a estudam e a dominam estão mais preparadas, ocasionando com isso maiores oportunidades no mercado de trabalho. Por todas as suas vantagens é que o estudo desta língua tornou-se um fenômeno mundial. Segundo Ventura (1989),

É uma epidemia que contamina 750 milhões de pessoas no planeta. Essa língua sem fronteiras está na metade dos 10.000 jornais do mundo, em mais de 80% dos trabalhos científicos e jargão de inúmeras profissões, com a informática, a economia e a publicidade. (p.36)

Cada vez mais as pessoas estão reservando um tempo de suas vidas para fazerem algum curso de inglês, em busca de melhorar seu currículo e garantir sua vaga no mercado de trabalho. O número de pessoas que tem como segunda língua o inglês é de aproximadamente 400 milhões, ultrapassando os milhões que a tem como primeira.

Ainda sobre a questão do uso da internet como instrumento de aprendizagem da Língua Inglesa, é relevante esclarecer as facilidades que esta ferramenta oferece, pois existem diversos modos de se ter contato direto com a língua. No que diz respeito ao entretenimento, pode-se citar diversos *sites* para quem gosta de ouvir músicas, ver filmes, ficar por dentro das principais notícias do mundo, bater papo, sem mencionar as diversas redes sociais que fazem parte da vida dos indivíduos.

Constata-se por estas informações que, a aprendizagem de uma segunda língua, em especial a LI, proporciona o enriquecimento social, financeiro e cultural. É evidente que estudar e conhecer esse idioma coloca o sujeito na frente, pois o mesmo estará mais preparado para a inserção nessa sociedade tecnológica.

1.3 A Língua Inglesa e seu impacto no Brasil

A relação que a Inglaterra tem com o Brasil não é recente, ela existe desde os primórdios. O primeiro contato do Brasil com a Língua Inglesa foi através de um aventureiro conhecido como Willian Hawkins, por volta de 1530. Willian Hawkins traficava escravos e ao desembarcar na costa brasileira teve o primeiro contato com os portugueses e com os índios.

Como os portugueses eram bem receptivos, outros navegantes estrangeiros continuaram suas viagens para as terras brasileiras, buscando sempre as riquezas que o território oferecia, dentre elas o pau-brasil. Por volta de 1654 os laços entre Brasil e Inglaterra se fortalecem por meio de um tratado imposto pela Inglaterra aos portugueses. Este tratado reservava a Inglaterra toda exclusividade sobre o comércio

de mercadorias inglesas com os demais países, a partir disso rompeu-se o domínio que os lusitanos tinham sobre o Brasil.

Com o bloqueio continental imposto pela Inglaterra no início do século XIX, ocorreu obviamente o fortalecimento das relações entre Inglaterra e Brasil. Devido a esta barreira e ao fechamento dos portos europeus causados pelos franceses, Portugal, que era um forte aliado da Inglaterra, foi forçado a tomar partido contra a mesma para evitar conflitos com as tropas francesas e até mesmo uma possível guerra.

Como consequência destes conflitos, a Família Real Portuguesa se mudou para o Brasil no ano de 1808 e a Inglaterra, com consentimento dos portugueses, estabeleceu várias casas comerciais exercendo uma grande influência na história brasileira. Com essa grandiosidade e domínio comercial começou no país o progresso industrial. Segundo Dias (1999),

No início do século XIX mais de 30 estabelecimentos comerciais ingleses foram criados no Brasil e “era dos ingleses o controle do comércio; o predomínio técnico (...) e, fundamentalmente, o capital financeiro que assegurava os primórdios do progresso industrial” (p.51).

Em consequência do crescimento da indústria, começam a surgir oportunidades de emprego. Várias vagas foram ofertadas aos brasileiros, só que para conseguir a admissão nas mesmas, eram exigidas algumas condições. Os brasileiros que se interessassem em trabalhar nessas vagas oferecidas pelos ingleses precisariam ser treinados, receberiam comandos e instruções por meio da Língua Inglesa. É possível que, a partir dessa necessidade de compreender esta língua, tenham surgido os primeiros professores e alunos de LI. É notável que desde aquela época a aprendizagem de outra língua influenciava no mercado de trabalho.

No ano de 1809, mais precisamente no dia 22 de junho, o príncipe regente português, D. João VI, decretou a criação de duas escolas de língua estrangeira, uma ensinaria o inglês e a outra o francês. As aulas de Língua Inglesa eram ministradas pelo padre Jean Joyce, que foi o primeiro professor formal da língua no Brasil, onde até então apenas o latim e o grego eram os idiomas ensinados nas escolas.

Oliveira (1999) cita um trecho do decreto

E, sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa. (p.56).

Embora a decisão de D. João VI de inserir o ensino dessas línguas nas instituições, públicas primárias e secundárias, tenha apresentado grande valor e significância, essa determinação só veio a ser validada no Primeiro Império, durante o governo de D. Pedro I. A princípio, o exercício do ensino da Língua Inglesa no Brasil voltou-se apenas a capacitação dos profissionais para atenderem a demanda do mercado de trabalho.

Esse exercício de preparação visava suprir as necessidades de desenvolvimento do Brasil em razão das transações comerciais com os países estrangeiros, em especial com a Inglaterra. Ou seja, o ensino de línguas naquela época não tinha nenhum caráter pedagógico, apenas possuía o intuito de capacitar profissionais para o exercício de profissões. Nogueira (2007) afirma que,

Eminente prática, visando capacitar os profissionais brasileiros para a demanda do mercado de trabalho da época e responder às necessidades de desenvolvimento no país, alavancadas pelas relações comerciais com nações estrangeiras, principalmente com a Inglaterra (p.21).

No ano de 1837 foi fundado o Colégio Pedro II, um grande marco no estudo de línguas. Neste ano se iniciava a luta para que as línguas modernas, Língua Inglesa e francesa, permanecessem no currículo escolar. Este colégio desempenhou um papel importantíssimo na história dos estudos de língua estrangeira no Brasil, pois desde sua fundação a Língua Inglesa esteve inserida no currículo escolar como disciplina.

Apesar de possuir um lugar no currículo, a importância que ela tinha ainda era pouca, na época era a língua francesa que assumia o posto de língua universal, sendo falado na alta sociedade e considerado requisito indispensável para a entrada no Ensino Superior.

Apesar desta conquista, a LI ainda teria uma longa trajetória, a metodologia utilizada para o ensino era semelhante ao ensino das línguas clássicas, voltada para a habilidade de leitura e tradução de textos. Avançando um pouco na história, depois da Proclamação da República, o ministro da época, Benjamim Constant, realizou

várias reformas na educação. Benjamim pretendia com essa reforma transformar o ensino de preparador a formador de alunos para o grau superior, uma dessas mudanças foi a exclusão das línguas modernas e suas respectivas literaturas do currículo obrigatório escolar.

No ano de 1892, houve o afastamento de Benjamim Constant, assumindo seu lugar Amaro Cavalcante que, com suas novas reformas na educação, trazia de volta o ensino de línguas estrangeiras modernas, estas passaram a ser disciplinas facultativas e com abordagem literária. Neste momento é incluída a habilidade da fala, uma vez que as únicas que eram trabalhadas até então era a prática de escrita e leitura. Pode-se perceber que a LI foi ganhando seu espaço aos poucos, sua situação como língua fora de sua pátria foi melhorando progressivamente e sobre isso Leffa (1999) diz que,

Foi só muito lentamente, a princípio com a chegada da Família Real, em 1808, posteriormente com a criação do Colégio Pedro II, em 1937, e finalmente com a reforma de 1855, que o currículo da escola secundária começou a evoluir para dar ao ensino das línguas modernas um status pelo menos semelhante ao das línguas clássicas (p. 2-3).

A partir década de 1930, sob o governo de Getúlio Vargas, houve o crescimento da Língua Inglesa no Brasil, impulsionado pelas tensões políticas mundiais ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial. Nessa época a Inglaterra foi perdendo seu status no mercado. Enquanto a Inglaterra entrava em decadência, a política e o comércio norte-americano ganhavam força e o mundo.

No ano seguinte, 1931, foi desenvolvida a reforma de Francisco Campos, que mudou a maneira de ensinar línguas estrangeiras no Brasil. Entre as mudanças realizadas, se destacou a diminuição da carga horária das línguas mortas, o latim, e a priorização das línguas modernas. Além disso, ocorreram mudanças na metodologia, onde o ensino focado na leitura e escrita deu espaço a uma metodologia conhecida como Direta. Sobre essas mudanças, Leffa (1999) acrescenta que,

[...] introduziu mudanças não apenas quanto ao conteúdo, mas, principalmente, quanto à metodologia de ensino. Em termos de conteúdo, foi dada mais ênfase às línguas modernas, não por um acréscimo em sua carga horária, mas pela diminuição da carga horária do latim. A grande mudança, porém, foi em termos de metodologia. Pela primeira vez introduzia-se oficialmente no Brasil o que tinha sido

feito na França em 1901: instruções metodológicas para o uso do método direto, ou seja, o ensino da língua por meio da própria língua (p. 5).

Ainda nessa década, surgiram os primeiros cursos livres de línguas no Brasil. No Rio de Janeiro foi fundada a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa e posteriormente uma no estado de São Paulo. Essas fundações surgiram com o objetivo do governo britânico tentar reestabelecer seu domínio, que perdera para os Estados Unidos. Em reação a esta tentativa de domínio, o consulado americano apoiou a criação da União Cultura Brasil-Estados Unidos em São Paulo no ano de 1938.

Em 1942, Gustavo Capanema, na época ministro da educação e saúde, pôs em prática reformas que mudou o cenário do sistema educacional brasileiro. O ensino médio foi dividido em dois ciclos, o primeiro denominado de ginásio, que tinha duração de quatro anos. O segundo durava três e era subdividido em clássico e científico, o primeiro focava nos estudos humanísticos, onde entrava as línguas e o segundo tinha como prioridade o estudo de ciências. Com esta esquematização, a carga horária do ensino de línguas diminuiu, pois as pessoas davam maior relevância ao estudo das ciências.

No ano de 1961 é criada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), modificando a estrutura da reforma anterior, onde ginásio e científico se transformam em 1º e 2º graus respectivamente. Esta nova lei determinou que o ensino de línguas estrangeiras fosse parcialmente obrigatório no 1º grau.

Exatamente dez anos depois, em 1971, foi divulgada outra LDB, que reduzia a quantidade de anos para estudo, 8 (oito) anos para o 1º grau e 2 (dois) para o 2º. Com isso, o ensino da LE acabou sendo prejudicado, pois, com o a decisão do Conselho Federal, o ensino de línguas ganhou caráter complementar e seu ensino ou não era decidido de acordo com o estabelecimento educacional. O resultado obtido com essas mudanças foi a exclusão do mesmo no 1º grau e uma grande redução no 2º. No parecer 853/71 de 12 de novembro de 1971, uma justificativa foi dada sobre este fato:

Não subestimamos a importância crescente que assumem os idiomas no mundo de hoje, que se apequena, mas também não ignoramos a circunstância de que, na maioria de nossas escolas, o seu ensino é

feito sem um mínimo de eficácia. Para sublinhar aquela importância, indicamos expressamente a "língua estrangeira moderna" e, para levar em conta esta realidade, fizemo-la (sic) a título de recomendação, não de obrigatoriedade, e sob as condições de autenticidade que se impõem. (LDB, 1971)

Em 1996 surge uma Nova LDB, que permanece até os dias atuais, nesta lei reformulada são retirados os termos 1º e 2º grau, para a entrada do ensino fundamental e médio. Foi a partir dessa nova LDB que o ensino de línguas se expandiu, sendo inserida no Ensino Fundamental (5º a 8º série), hoje respectivamente 6º ano, e no Ensino Médio. No entanto, a escolha da língua a ser ensinada deveria ser da comunidade local. Podemos ver isso no artigo 26, parágrafo 5º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº 9394/96,

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição. (LDB-1996)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apareceram para somar com a nova LDB no ano de 1999. Em relação a temática trabalhada, o ensino de línguas nas escolas brasileiras e a importância do aprendizado da leitura, os PCNs estabelecem que,

A inclusão de uma área no currículo deve ser determinada, entre outros fatores, pela função que desempenha na sociedade. Em relação a uma língua estrangeira, isso requer uma reflexão sobre o seu uso efetivo pela população. [...], somente uma pequena parcela da população tem a oportunidade de usar línguas estrangeiras como instrumento de comunicação oral, dentro ou fora do país. Mesmo nos grandes centros, o número de pessoas que utilizam o conhecimento das habilidades orais de uma língua estrangeira em situação de trabalho é relativamente pequeno. [...]. Note-se também que os únicos exames formais em Língua Estrangeira (vestibular e admissão a cursos de pós-graduação) requerem o domínio da habilidade de leitura. Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato. Além disso, a aprendizagem de leitura em Língua Estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno (PCNs, 1998).

Retomando a decisão do ensino de língua estrangeira ficar a cargo da comunidade local, é importante ressaltar que os PCNs não determinaram nenhum tipo de metodologia, deixando esta escolha de acordo com as necessidades apresentadas pelos alunos, apenas sugere o foco voltado para leitura e interpretação de textos.

Através de todo esse histórico, é possível conhecer a trajetória da LI inserida no nosso país desde o princípio até seu uso como disciplina nas escolas. Além disso, nem sempre este ensino foi dado como relevante, a ponto de ser excluída do ambiente educacional. No entanto, com o passar do tempo, ela tornou-se importante e foi conquistando seu espaço, mesmo que vagarosamente.

2 LÍNGUA INGLESA E SUAS FERRAMENTAS DE ENSINO

A LI pode ser trabalhada em sala de aula de diversas maneiras, uma delas é a oralidade, que deve ser trabalhada de forma clara, com um texto simples e que contenha imagens para se fazer um paralelo entre ambos. Outra maneira é a produção escrita, sendo possível apenas depois de algum tempo, quando o aluno já possuir um vocabulário mais extenso, isso facilitará a sua produção textual. Ouvir é outro exercício relevante no processo de aprendizagem, pois é através deste ato que é possível adquirir mais conhecimento linguístico. Falar, escrever e ouvir estão completamente relacionados, e através desse conjunto é possível aprender a se comunicar em outra língua.

Assim como o português, o inglês também pode ser usado em diferentes contextos e situações de aprendizado, e apesar de não ser a língua oficial falada no país, é imprescindível seu uso em alguns ambientes sociais e em determinadas situações. Com essa familiarização e socialização da língua, o processo de assimilação se torna menos complexo. Almeida Filho (2010), sobre a aula de língua estrangeira, afirma que,

A aula de língua estrangeira como um todo pode possibilitar ao aluno não só a sistematização de um novo código linguístico que o ajudará a se conscientizar do seu próprio, mas também a chance de ocasionalmente se transportar para dentro de outros lugares, outras situações, e pessoas (p. 28).

Para que a aula de inglês se torne mais interessante, o professor pode trabalhar de forma lúdica, utilizando-se de diferentes estratégias. O uso de músicas, receitas, histórias em quadrinhos, por exemplo, são ótimas atividades, pois além de serem atrativas, ainda possibilitam o enriquecimento do vocabulário. Nesta mesma linha, Celani (2009) pontua que,

O professor deve ligar o que acontece na sala de aula ao que acontece fora da escola, utilizando letras de músicas, rótulos de produtos, textos de jornais, estampas de camisetas, etc (p.18).

No entanto, a utilização dessas ferramentas de ensino depende exclusivamente do interesse do docente, de abandonar os antigos métodos de ensino e inserir novos. Outra forma de aumentar o vocabulário é o uso da tradução, onde o aluno ao se deparar com alguma palavra que não conhece o significado procura uma equivalente em sua língua em um dicionário adequado, neste ato apreende os diversos significados e usos destas palavras. Este instrumento de ensino é de fundamental importância, pois ela ajudará tanto o professor como o aluno a compreender melhor a língua-alvo.

O uso das novas tecnologias é outro recurso que facilita o aprendizado dos alunos. No mundo globalizado de hoje, a maioria tem acesso a um computador, um *tablet* e ficam sempre informados, com um vasto acervo de possibilidades que a internet disponibiliza, ou seja, com ela torna-se mais acessível a busca do conhecimento. É importante salientar que o conhecimento na LI facilita o uso das novas tecnologias, isso porque o inglês também prevalece no mundo informatizado.

O ensino de inglês nas séries iniciais de escolas públicas é muito importante para os alunos, pois é nessa fase que ocorre o primeiro contato com essa nova disciplina. Quanto mais cedo o aluno tiver contato com ela, mais rapidamente ele adquire conhecimento sobre a língua alvo e maior facilidade ele terá em apreendê-la. Dessa forma, o aprendizado evoluirá gradativamente, conforme a criança vai avançando nos anos escolares, o que diminuirá suas dificuldades no ensino médio.

A motivação é um fator fundamental no processo de ensino, estando ela diretamente ligada ao ambiente da sala de aula. Devemos mostrar ao aluno que ele é capaz e que sempre é possível melhorar, pois, é através da motivação que se conquista bons resultados, sejam eles adquiridos através de avaliação oral escrita, da participação diária em sala de aula ou de qualquer outra atividade.

2.1 Desenvolvimento Cognitivo e Zona de Desenvolvimento Proximal

Sabe-se que toda aprendizagem resulta em uma mudança no comportamento do indivíduo. Com o nascimento da linguagem surgem os primeiros conceitos, que

permitem ao indivíduo representar objetos e pessoas que estejam perto ou longe dele, simulando situações que não sejam reais. O ambiente e a cultura contribuem para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e a história de vida ajuda a formar pensamentos.

Além do desenvolvimento cognitivo, Dinah Martins de Souza Campos (1999) aponta cinco fatores imprescindíveis para a aprendizagem: percepção, atenção, problemas de recepção, formação de conceitos: generalização e memória. Vygotsky (1988) define que Zona de Desenvolvimento Proximal é,

A distância entre o nível real de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais capaz. (Vygotsky, 1988, p. 133)

Sendo assim, o desenvolvimento proximal é o qual o indivíduo tem para aprender. Quanto mais o indivíduo demonstrar interesse em aprender, ele será capaz de obter o conhecimento pois só é possível adquiri-lo se tiver uma orientação e um estudo dirigido sobre o determinado aluno. O desenvolvimento proximal é muito importante para o ensino aprendizado de LI, pois ele dará auxílio quando o indivíduo entrar em contato com a língua alvo, por fazer com que o desenvolvimento se torne mais prazeroso.

2.2. Os alunos e o primeiro contato com LI

Aprender é um processo que se dá no decorrer da vida, no qual permite adquirir sempre algo novo e em qualquer idade. Cada período da vida do ser humano, em especial o adolescente, pode apresentar maior facilidade em aprender, devido a sua curiosidade. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (PCNs – LE),

Um dos procedimentos básicos de qualquer processo de aprendizagem é o relacionamento que o aluno faz do que quer aprender com aquilo que já sabe. Isso quer dizer que um dos processos centrais de construir conhecimento é baseado no conhecimento que o aluno já tem: a projeção dos conhecimentos que já possui no conhecimento novo, na tentativa de se aproximar do que vai aprender. (PCNs, 1998, p.27)

É no 6º (sexto) ano do Ensino Fundamental que se tem o primeiro contato com a LI. Dessa forma, esse contato de alguma maneira desperta a curiosidade e o levantamento de algumas questões por parte dos alunos, como por exemplo: Para que devo estudar uma língua que não faz parte do meu dia a dia? Esta é apenas uma de várias outras perguntas que podem surgir diante desse momento inédito na vida daquele discente.

Este primeiro momento é de fato muito importante, pois é através dele que o professor perceberá se o aluno tem ou não afinidade e interesse em relação à aprendizagem da LI. Permanecendo nesta linha de raciocínio, faz-se importante salientar que dependerá da primeira impressão e da forma como será apresentado esse idioma o sucesso no aprendizado da criança.

O aluno precisa ser motivado a aprender ou será simplesmente mais uma matéria que não fará diferença na vida dele, conseqüentemente deixará de prestar atenção nas aulas e com isso poderá despertar em seus colegas o mesmo pensamento negativo que se fixou em sua cabeça. Portanto, é válido que o professor que ministra essa disciplina, seja um incentivador e não simplesmente um professor que chega e sai da sala sem deixar algo de relevante para a vida de seus alunos.

O processo de aprendizagem em LI no 6º ano do Ensino Fundamental II é como o desenvolvimento da fala, é algo que vai sendo adquirido aos poucos e leva certo tempo para se chegar ao resultado desejado. Há aqueles que gostam e que possuem muita facilidade em aprender novas palavras, dessa maneira incentivam os demais a buscarem formas que os façam adquirir maior interesse e prestarem atenção nas aulas. Nesta perspectiva, Charlot (2005) afirma que,

[...] Uma aprendizagem só é possível se for imbuída do desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um envolvimento daquele que aprende. Em outras palavras: só se pode ensinar a alguém que aceita aprender, ou seja, que aceita investir-se intelectualmente. O professor não produz o saber no aluno, ele realiza alguma coisa (uma aula, a aplicação de um dispositivo de aprendizagem, etc) para que o próprio aluno faça o que é essencial, o trabalho intelectual. (p. 76).

Sendo assim, o aluno precisa querer apreender esta nova língua, esse desejo pelo aprender associado com o desejo e o apoio dos demais, acaba criando um

ambiente de aprendizado mútuo, onde existe constante troca de informações e experiências.

2.3 Perfil do professor de LI

Ser professor é estar à frente de uma turma e saber despertar a curiosidade, a vontade de saber mais, de aplicar estes saberes em problemas reais e para isso, o docente precisa gostar de sua profissão, sentir prazer em estar sempre em busca de novos conhecimentos e, acima de tudo, estar aberto a mudanças. A sua formação é entendida como um conjunto de percepções, valores, crenças e suposições que compõem sua visão quanto ao ensino. Essa formação envolve mudanças, além de ser um processo diário de reflexão e reconstrução.

O perfil do professor não pode ser definido de forma superficial, pois é necessária fazer uma avaliação geral deste docente, que englobe o seu conhecimento, metodologia, didática, entre outros quesitos. O docente que atua com responsabilidade e compromisso, transmitindo conhecimentos e formando opiniões faz toda a diferença, mesmo que no ambiente de ensino ele faça uso da língua-alvo.

O professor precisa ser paciente, organizado e, acima de tudo, deve amar o que faz, pois, como citado anteriormente, é no 6º ano escolar que a maior parte dos alunos tem o primeiro contato com a LI. Nessa fase, os aprendizes necessitam de apoio do professor, porque ainda não possuem autonomia para responderem as atividades propostas sozinhos e não tem vocabulário suficiente para formularem seus próprios questionamentos.

Portanto, a maneira de agir do professor é determinante para o desenvolvimento do aluno. No entanto, o docente ainda encontra muitas dificuldades em sua profissão. Dentre elas pode-se citar a questão salarial, a condição de trabalho, indisciplina, entre outras. Sobre as dificuldades encontradas pelo docente, Maria Isabel da Cunha (2010) diz,

Minha observação vai no sentido de que os professores são capazes de relacionar as dificuldades com o contexto mais amplo da educação brasileira. O que não é claro é a até que ponto eles compreendem que sua ação de aceitação ou resistência faz parte deste quadro. (p. 111)

Uma das barreiras encontradas na docência da LI é a falta de interesse dos alunos, ainda que já possuam um conhecimento avançado, por meio do contato frequente com as últimas criações tecnológicas. Outro problema é a falta de recursos tecnológicos da escola e, muitas vezes, quando a mesma está equipada, os professores não se interessam por utilizá-los. Todavia, o grande desafio está na própria formação do profissional para enfrentar estes desafios.

O professor, além de ter o papel de transmissor de conhecimentos, tem que atuar também em algumas situações como psicólogo, amigo e mãe, pois dentro de sala, ele irá se deparar com diferentes personalidades e com problemas diferentes. Um dos papéis do professor é ensinar os alunos a pensar, a questionar e a entender a realidade, para que assim eles possam formar opiniões. Portanto, esse papel é muito importante para a evolução da sociedade, por que toda profissão passa por um professor. No que consiste ao desenvolvimento de competências do educador, Almeida Filho (2009, p.94) faz a seguinte afirmação,

O professor necessita desenvolver uma crescentemente explicitada e teoricamente iluminada competência, a que ele denomina competência aplicada. A competência é aquela que capacita o professor a ensinar de acordo com o que sabe conscientemente (subcompetência teórica). (FILHO, 2009,p. 94).

Então, o docente deve exercer sua profissão objetivando um trabalho que seja significativo para seu aluno, de maneira a contribuir para o crescimento intelectual e profissional do mesmo. Principalmente no 6º ano, os docentes devem ser cautelosos, pois esta é a fase em que ocorre o primeiro contato com uma Língua Estrangeira. O docente precisa preparar suas aulas, refletir sobre os conteúdos que serão aplicados e, ao término da aula, fazer uma autoanálise de suas ações e pensar no que pode melhorar. Assim, faz-se necessário também que o profissional de educação esteja sempre em busca de uma formação contínua, atualizando suas metodologias de ensino e inovando-se.

O papel e atuação do professor já não são as mesmas que antigamente. Outrora, ele era o detentor de todo o conhecimento e apenas transmitia aos alunos. Desta maneira, não havia reflexão dos conteúdos, os alunos agiam de forma totalmente passiva, apenas recebiam tudo pronto e não podiam contestar o que lhes era ensinado.

Além de todas as habilidades citadas anteriormente, o professor ainda necessita aprender a mediar conflitos que possam surgir em sala de aula, para tal, ele deve ser imparcial, sociável, capaz de estabelecer um diálogo e ouvir. Um bom educador é aquele que não desiste de seu aluno, por isso, busca novas soluções para os problemas apresentados, é capaz de encarar com determinação os desafios que aparecem durante a caminhada, visando à aprendizagem.

Ser professor é algo fascinante, que se renova a cada instante, é sonhar, planejar, encarar desafios e fazer a diferença na vida de seus educandos. Uma observação feita na Escola Municipal Emerson Tavares Lopes em relação ao papel do professor regente, é que a mesma tem domínio da turma, conduz as aulas com organização e firmeza, com atividades que favorecem o aprendizado. Utiliza recursos extras para a criação de atividades diversificadas, fazendo seu papel como uma professora comprometida com a educação. No que diz respeito à atividade diversificada Muller (2008) coloca que,

O conhecimento não apresenta um saber que „vem de fora” ou que se capta no meio e que, não pode ser transmitido [...] o aluno efetivamente aprende a partir de experiências em sua interação com o ambiente e seus simbolismos e com outros, em que se produzam ações físicas e mentais [...]. (p. 56)

O ambiente e as situações que a professora cria é favorável para o desenvolvimento do conhecimento dos alunos, ao mesmo tempo em que a aprendizagem se torna prazerosa. A relação professor-aluno é desenvolvida por meio da troca de saberes, onde ocorre um diálogo frequente nas aulas.

2.4 Metodologias e práticas no ensino de Língua Inglesa

A metodologia tradicional é conhecida como o método de gramática e tradução, que defende um ensino dedutivo, no qual a ordem seguida é da regra ao exemplo. Este modelo de ensino utiliza-se de exercícios artificiais e repetitivos, visando o ensino da gramática e instruindo os aprendizes a escreverem corretamente. O dicionário e o livro didático são os materiais mais empregados nesta metodologia. Por existir uma enorme quantidade de materiais disponíveis no mercado, o docente muitas vezes sente-se confuso em relação a qual material atende melhor seus objetivos. A seguir, Gotteim Pereira *apud* Pereira (2012) explica sobre a importância da escolha do material didático.

(...) a escolha do material didático a ser adotado em sala de aula de língua estrangeira ou segunda língua, tampouco pode ser considerada tarefa fácil. Há muitas implicações envolvidas nesse processo. Uma delas refere-se ao sentimento de incapacidade e incompetência, por parte de alguns professores, para fazer escolha, devido, principalmente, a uma formação acadêmica que nem sempre prepara futuros professores para esse exercício. Outro fator que contribui para esse sentimento é o grande número de materiais didáticos a que são expostos, num emaranhado de propostas direcionadas ao convencimento do consumidor para aquisição e adoção do produto exposto no mercado. (p. 33).

Pelo fato do livro didático ser o recurso de mais fácil acesso para o ensino de LI, o mesmo é usado com mais frequência, ele tanto auxilia o docente a conduzir suas aulas quanto o aluno a acompanhar o estudo que o professor está ministrando. Porém o professor não pode ficar preso a esse método, ele tem que procurar outras maneiras e métodos diferenciados para aprimorar o conhecimento de seus aprendizes, sendo assim a escolha do material didático não é uma tarefa fácil e muitas das vezes o professor não se sente seguro em utilizar tal recurso, passando assim insegurança para seus alunos.

A proposta do professor através desse método tradicional era a aplicação de regras, traduções e ditados e o papel do aluno era apenas o de receptor, não possuía nenhuma autonomia sobre seu conhecimento. Porém, este método não foi bem recebido pelos alunos que tinham dificuldades na aprendizagem, pois eles acumulavam erros e hábitos imperfeitos.

Além do método citado anteriormente, tinha também o método inovador, que era o ato de sair do modo tradicional e mudar para algo que chamasse mais a atenção do aluno, em que trazia dos conteúdos para sua realidade e com o avanço tecnológico, esse método se tornou mais popular e aceito pela escola em geral.

O acesso à internet facilita o processo de aprendizagem de uma segunda língua, porque o aluno pode procurar nela conteúdos que aumente seu conhecimento, facilitando a construção de um aprendizado dinâmico e contextualizado. A tecnologia torna possível o desenvolvimento da comunicação e a expansão do conhecimento no meio escolar, familiar e social.

A instrução de LI necessita das novas tecnologias, pois, em muitos casos, o ensino ainda se encontra limitado à utilização das tecnologias antigas e ao

tradicionalismo do professor, fazendo com que a aula se torne monótona e sem espaço para novos conhecimentos.

O método inovador necessita de um trabalho coletivo, com participação de toda a comunidade escolar nos debates em grupo, atuando em parceria e cooperação. A relação entre o velho e o novo possibilita a criação de um método inovador. Tornar a aprendizagem mediada pela tecnologia significativa é um desafio que o professor enfrenta, neste caso, torna-se importante a utilização de técnicas e recursos nesse processo. É essencial também, que o educador crie ambientes propícios para o uso de suas metodologias, utilizando as novas tecnologias.

3 A PESQUISA

O presente estudo é de caráter qualitativo e quantitativo, pois houve levantamento de dados para compreender e interpretar determinados comportamentos, como também justificá-los baseando-se nestes dados obtidos por meio dos questionários aplicados a professores e alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Emerson Tavares Lopes. O embasamento teórico utilizado nesta pesquisa resulta de pesquisas bibliográficas realizadas em livros, artigos, teses e sites de internet.

A escolha e o interesse em explanar sobre este assunto surgiu a partir das experiências vivenciadas no estágio, onde se encontrou pontos positivos e negativos em relação ao ensino de LI. Como se trata de uma experiência nova para os alunos da rede pública, brotou a curiosidade de saber como eles se sentem e se veem diante desta novidade na escola. Não somente os alunos foram pesquisados, estiveram em análise também questões referentes ao professor: se ele está preparado para exercer sua função e como ele está desenvolvendo o seu trabalho e se o mesmo é aprovado pelos alunos no quesito aprendizado.

A pesquisa desenvolveu-se por meio de um questionário entregue a alunos do 6º ano da escola Municipal Emerson Tavares Lopes e a duas professoras que ministram aulas de LI nesta referida escola. Foram 41 alunos entrevistados, sendo 19 de uma turma e 22 de outra. O questionário foi aplicado à turma no dia 25/09/2015 às 11 horas da manhã. O tempo gasto para responder ao questionário foi entre 15 e 20 minutos.

3.1 Metodologia

A pesquisa desenvolveu-se através de 2 (dois) questionários aplicados. O primeiro continha 8 (oito) questões destinadas as professoras de Língua Inglesa do Ensino Fundamental e o segundo continha 10 (dez) questões designadas aos alunos do 6º ano, para que pudessem avaliar o ensino de Língua Inglesa oferecidos a eles. No dia da aplicação dos questionários, a diretora da escola apresentou as pesquisadoras à professora regente e explicou por qual razão elas estavam na escola. Posteriormente, houve a apresentação para os alunos do questionário que seria aplicado, bem como a explicação dos objetivos pretendidos com esta aplicação.

Anterior à apresentação do questionário houve um diálogo com os alunos, apresentando as pesquisadoras, que faziam parte do corpo acadêmico do curso de Licenciatura em Letras pela universidade Estadual de Goiás, UEG, campus Posse. Explicitou-se que para a conclusão da pesquisa era necessário a coleta de dados e para tal era essencial que todos contribuíssem.

Para o preenchimento do questionário não foi solicitada a identificação dos alunos, porém alguns estavam um pouco receosos em responder, mas após os esclarecimentos a respeito da pesquisa, eles se tranquilizaram. Gradativamente todas as questões foram sendo lidas com atenção e respondidas. Enquanto isso, as pesquisadoras aguardavam em sala, auxiliando quando solicitadas.

Em relação ao questionário da professora, foi entregue da mesma forma e respondido por ela no mesmo momento em que os alunos também preenchiam. A professora também cooperou se mostrando interessada em ajudar na pesquisa e isso proporcionou mais confiança de que no término de nosso trabalho os dados coletados seriam de grande valia para a análise e para comprovação de que o foco desta averiguação traria resultados significantes para o ensino da LI.

A análise do nível de aceitação dos estudantes do 6º ano acerca do primeiro contato com a LI, seu ensino e aprendizagem é de suma importância, pois o indivíduo, na maioria das vezes, decide no decorrer da vida em função de sua percepção das situações vivenciadas. Dessa forma, a primeira impressão deixa marcas positivas ou negativas, caso o aluno adquira um sentimento negativo no seu primeiro contato com esta língua, depois, se torna difícil mudar esta visão. Sendo assim, o primeiro contato do estudante acerca da LI enquanto disciplina escolar é construída a partir de suas experiências, sejam elas arquitetadas individualmente ou coletivamente.

É notório que a LI é cercada de mitos, tais como: “é a disciplina mais difícil de aprender”, “bicho de sete cabeças” e “somente pessoas inteligentes são capazes de aprendê-la”. Estas falsas afirmações fazem com que muitos alunos se julguem incapazes de aprendê-la, sintam medo da disciplina e manifestem um sentimento negativo em relação à mesma.

Embora a experiência pessoal de muitos não tenha sido esta, durante a realização dos estágios, de maneira geral, pode-se perceber a insatisfação de alguns

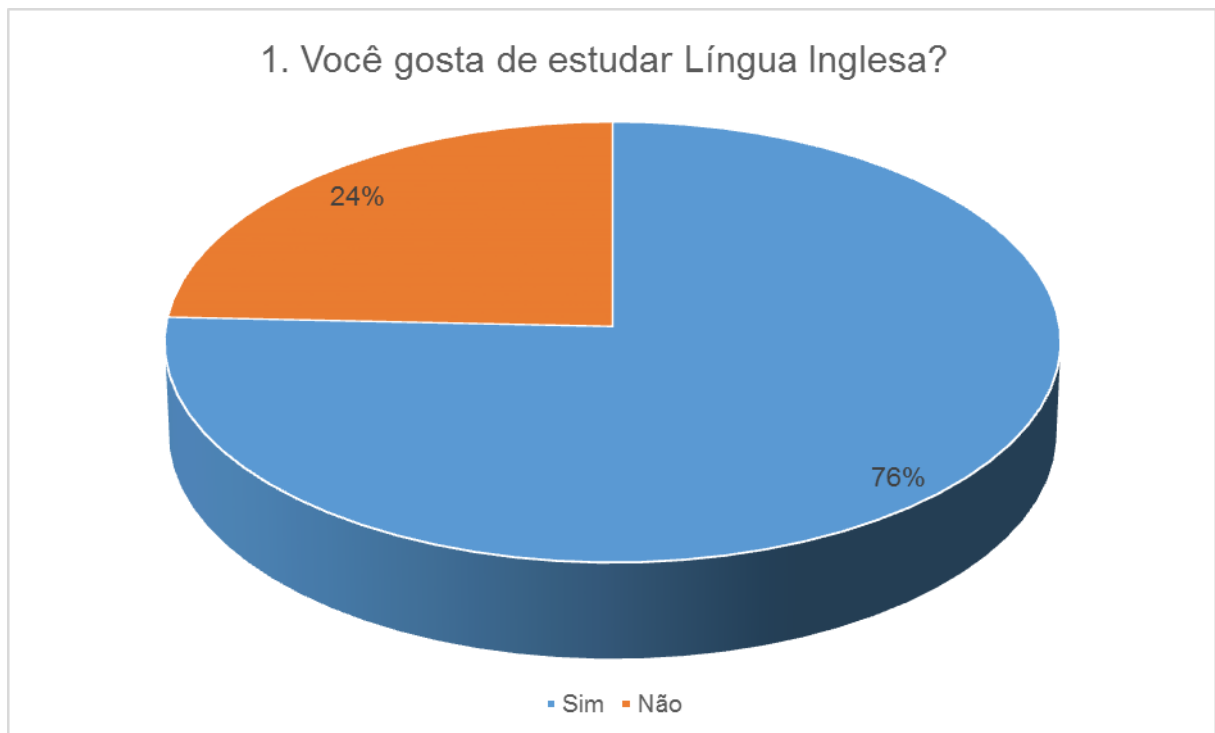
alunos quanto ao ensino e a aprendizagem da Língua Inglesa, contrariando a maioria, que se mostraram interessados e dispostos a aprender.

Faz-se relevante frisar antes da explanação dos gráficos que, a maioria das questões feitas aos alunos possuem alternativas que justificam suas respostas. Das 10 (dez) questões presentes no questionário foram escolhidas 8 (oito) consideradas de maior importância para serem analisadas através de gráficos, sendo que as demais não foram colocadas em forma de gráfico, mas merecem devida atenção e por isso serão comentadas.

3.2 Análise e discursão de dados

A seguir serão analisados e discutidos os resultados obtidos por meio das respostas produzidas pelos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

Gráfico 1.



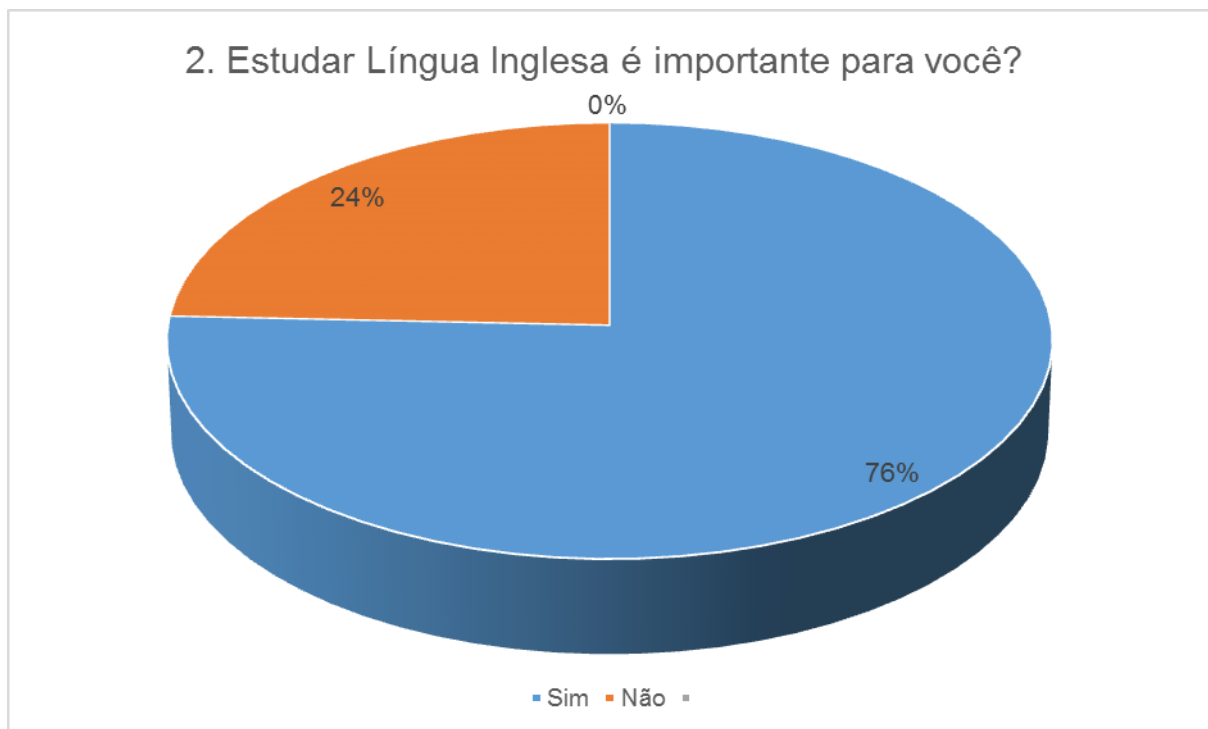
Fonte: As pesquisadoras

Observa-se neste primeiro gráfico que de todos os 41 alunos que fizeram parte da pesquisa, 76% responderam que gostam de estudar inglês. Dos alunos que

responderam sim a esta questão, 22% disseram que o estudo da Língua Inglesa é interessante, por isso, se identificam com ela, 39% consideram-na importante para o futuro, 15% afirma que ela é necessária para concluir o ano letivo e 24% afirmaram não gostar da disciplina.

Apesar de nem todos terem apreço pelo inglês, a grande maioria dos alunos disseram que gostam da disciplina, e que a considera importante para o futuro deles. Podemos dizer que as crianças já conseguem perceber o quanto a Língua Inglesa é importante, o que acabou sendo bastante satisfatório, superando as expectativas.

Gráfico 2.



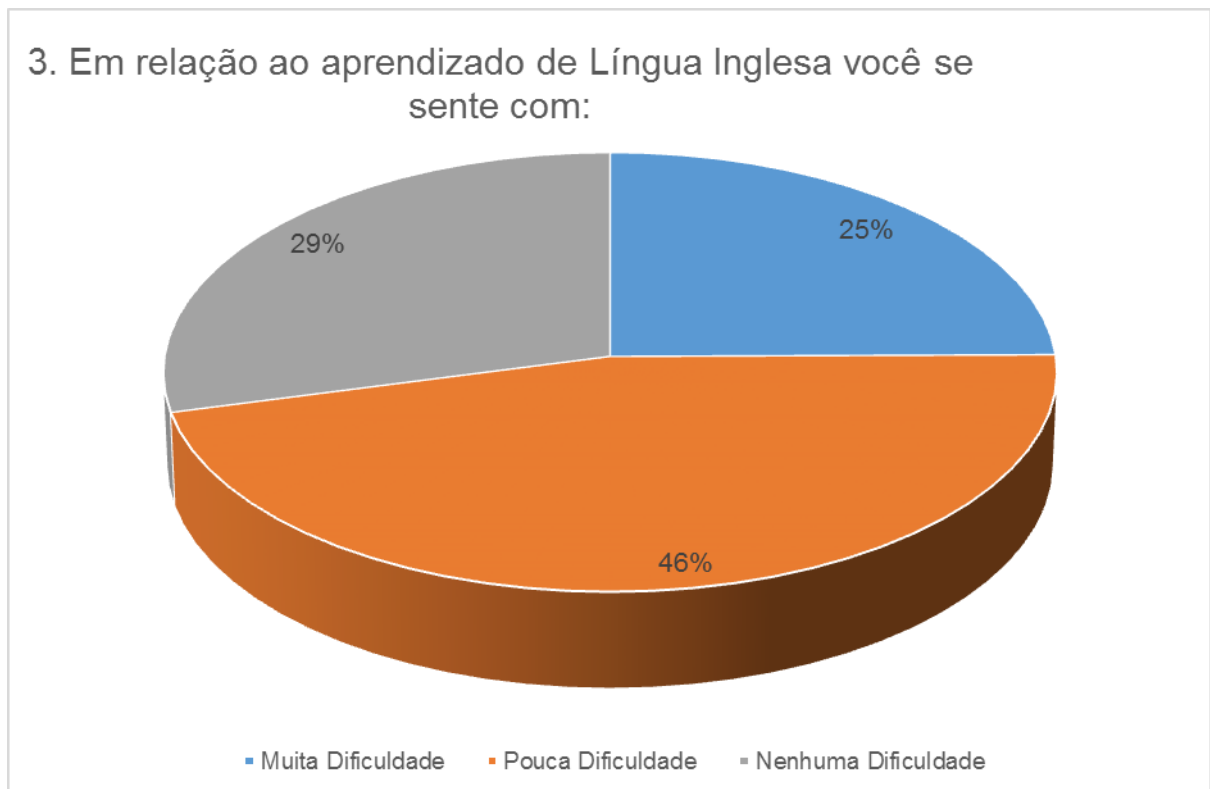
Fonte: As pesquisadoras

O gráfico acima aponta a relevância do inglês para os alunos. Nessa questão foi utilizado um ranque de 0 (zero) a 10 (dez), para que os alunos pudessem marcar o nível de importância que eles empregam a LI. Não diferente da primeira questão, 76% dos alunos marcaram a primeira alternativa: “Sim”, ou seja, consideram a Língua Inglesa importante e 24% não consideram este estudo relevante para suas vidas. Dentre os alunos pesquisados, 27% conferiram nota 0 (zero) ao grau de relevância

desta disciplina, 5% deram nota 6 (seis), 15% nota 8 (oito) e a grande maioria ,53% dos alunos, atribuíram nota 10(dez).

Seria um grande avanço para a escola e para os acadêmicos se ambos notassem, o quanto antes, a importância do aprendizado da LI e o quanto ela é relevante para o futuro dos mesmos. Como afirma Rocha (2001), o aprendizado dessa língua estrangeira tem o poder de abrir portas para todo e qualquer tipo de desenvolvimento, seja ele de caráter pessoal, profissional ou cultural. O inglês é o idioma utilizado para dar acesso à ciência, às tecnologias, à comunicação intercultural, ao mundo dos negócios e a outros mundos.

Gráfico 3.



Fonte: As pesquisadoras

A questão representada acima é interessante, pois se trata do grau de dificuldade dos alunos em relação ao aprendizado de LI. Os resultados obtidos foram que, 46% dos alunos afirmaram ter pouca dificuldade, 29% afirmaram ter nenhuma dificuldade e 25% disseram ter muita dificuldade. São respostas que contradizem as

expectativas, pois era esperado que a maioria dos alunos respondesse que tinham muita dificuldade em relação à aprendizagem desta língua.

Acredita-se que a dificuldade que a minoria sente é resultante de diversos fatores, tais como as poucas horas dedicadas ao ensino e estudo da referida disciplina, não só na escola, mas também em casa, a metodologia utilizada e até mesmo fatores que extrapolam o ambiente da sala de aula.

A vontade de aprender dos alunos sofre grande influência de fatores internos e externos. Como fatores internos têm-se: interesse, vontade, confiança, entre outros. Já os fatores externos seriam aqueles que surgem por meio das relações sociais, a interação, aquisição de experiência, condição social e outros.

Geralmente, a relação professor-aluno é fator decisivo para o sucesso da aprendizagem do discente. Através do incentivo, o professor mexe com o interesse e a emoção do aluno, transformando isso em motivação para obter mais conhecimento. O organismo age e reage em função desses estímulos internos, que podem ser positivos ou negativos.

Sentir dificuldade até certo ponto é absolutamente normal, mas cabe ao aluno e também ao professor, juntos, buscarem alternativas para superar as dificuldades. Através de uma variedade de recursos, métodos e procedimentos, o professor pode criar diversas situações favoráveis à aprendizagem. Existe uma relação mútua entre aprendizagem e motivação, pois o êxito na aprendizagem faz com que o aluno se motive, deixando sua autoestima mais elevada, o que o deixa mais confiante em si próprio.

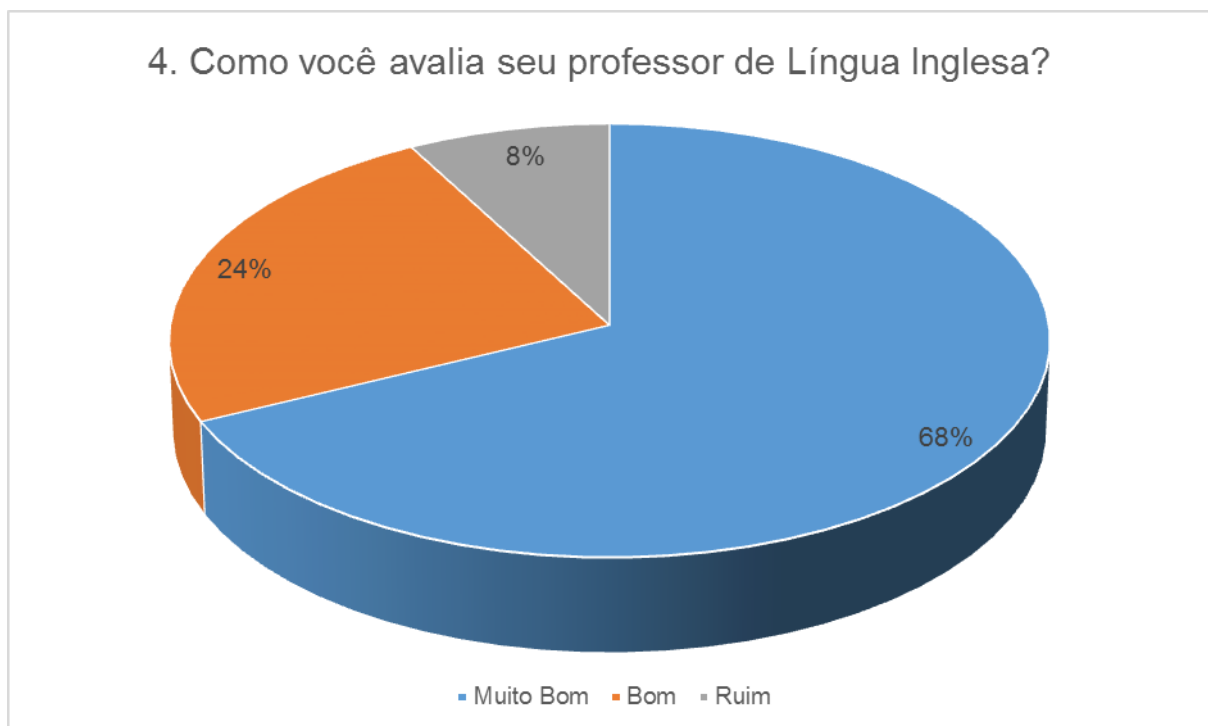
Por isso, o método de somente exposição de conteúdos, que muitos professores utilizam, não prende a atenção, desperta a curiosidade e nem o interesse do aluno, enfim, não contribui para um eficiente aprendizado, apenas massacra e o desgasta. Felizmente, esta situação se encontra em constante evolução e, gradativamente, encontra-se professores adeptos a novas estratégias de ensino, muito mais eficazes.

Para Gardner e Lambert (1972, citado por Brown, 2001),

O domínio de uma segunda língua acontecerá principalmente devido ao “investimento” pessoal do indivíduo. Por isso, o professor não pode motivar o aluno a aprender, mas pode incentivá-lo, isto é, estimulá-lo externamente, captando e polarizando sua atenção e despertando o seu interesse. Para isso, pode e deve usar recursos e procedimentos incentivadores, aproveitando os fatores ambientais, não apenas no início da aula, mas durante todo o seu decorrer. (p.91-93)

Estudos fora da sala de aula, pesquisas realizadas em bibliotecas, por meio de livros ou na internet são recursos válidos para o professor despertar a curiosidade de seus alunos. Nesta turma específica, por se tratar de uma turma de préadolescentes, pedir ajuda aos pais para que os matriculem em aulas de reforço, ou algum cursinho de inglês sempre trará resultados positivos.

Gráfico 4.



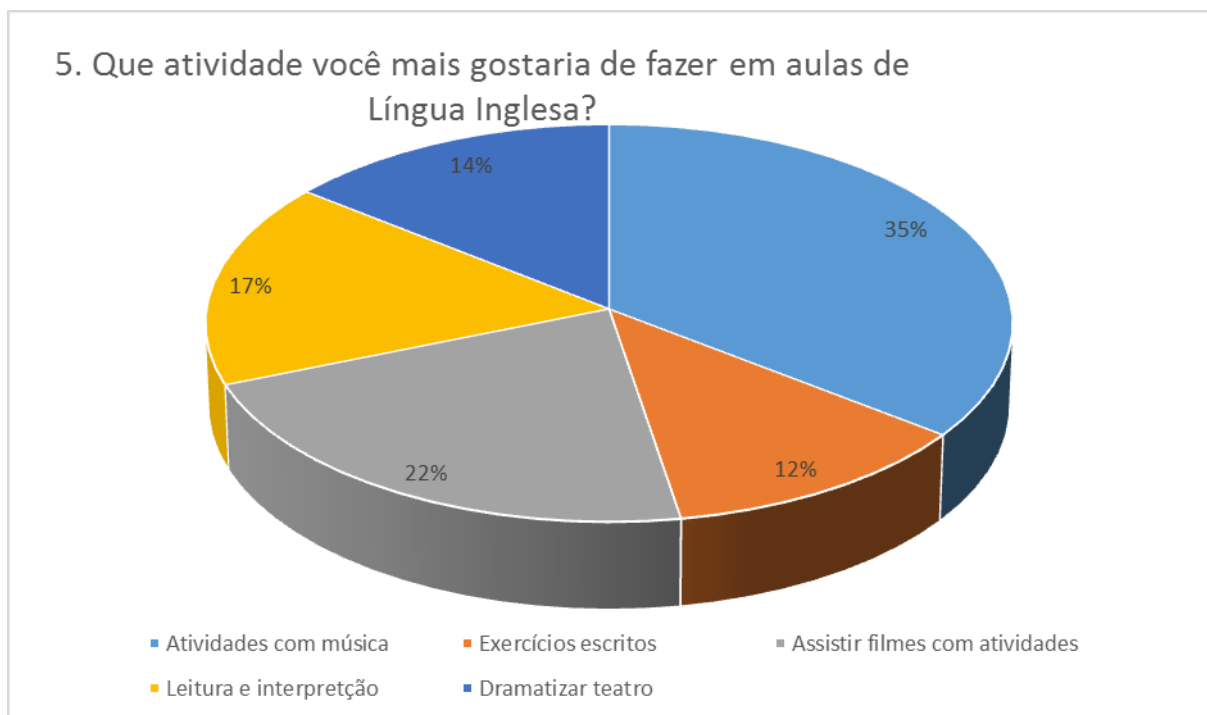
Fonte: As pesquisadoras

Na avaliação da professora regente, os alunos deram suas opiniões da seguinte maneira: 68% consideram-na muito competente, 24% como regular e 8% não a considera uma boa professora. A grande maioria dos alunos colocou que a professora consegue passar muito bem o conteúdo, de forma bastante clara. Em segundo lugar vem a justificativa que o professor “é dinâmico”, ou seja, suas aulas

apresentam variados tipos de recursos. Os que a avaliaram como “ruim”, afirmam que a professora não tem muita paciência com os mesmos.

É comum hoje em dia encontrar professores estressados, sem muita paciência e desmotivados, isso reflete no seu modo de atuar em da sala de aula. No entanto, as professoras entrevistadas se mostraram muito tranquilas no decorrer da pesquisa, aparentando serem profissionais dedicadas e muito competentes. Sabe-se que muitos professores não suprem completamente os anseios e expectativas dos alunos, mas muitos deles se esforçam para isso, buscando atuar de forma dinâmica com filmes, músicas, brincadeiras e outros gêneros. A única preocupação neste caso é com o tema trabalhado, pois o professor deve ter o cuidado de escolher assuntos que fazem parte da realidade dos alunos.

Gráfico 5.



Fonte: As pesquisadoras

Como citado na questão anterior, é notório que para a aula ser atrativa devem-se usar estratégias que chame a atenção dos alunos. Nesse sentido, 35% dos alunos responderam que gostariam de estudar a LI por meio de atividades com música, 17%

com leitura e interpretação de textos, 12% com exercícios escritos, 14% com dramatização e 22% gostariam de assistir filmes e responder atividades relacionadas.

Percebeu-se que atividades com música é o que mais atrai os alunos, seguida por atividades sobre filmes assistidos. Ao contrário, a que menos atrai os estudantes são os exercícios escritos. O professor precisa ficar atento, pois o trabalho apenas com exercícios escritos pode desencadear na perda da vontade de aprender uma segunda língua.

É relevante lembrar que a leitura é importante para o aprendizado e não deve ser dispensada, mas sim é preciso que o professor encontre um meio de torná-la prazerosa, podendo encaixá-la em suas aulas sem que cause fadiga e falta de interesse por parte dos alunos. Integrar as habilidades de escuta, escrita, fala e leitura é fundamental para garantir o ensino eficiente da Língua Inglesa. Como explica a professora de pós-graduação na área de Línguas pela universidade de São Paulo, Gláucia Ferro (2001),

A tendência é trabalhar todas estas habilidades juntas. É o tipo de conceito que está presente numa atividade em que o aluno ouve a gravação de alguém falando ao telefone, anota informações, conta a conversa para os colegas e simula a situação em que ele participa da conversa. Isso possibilita uma situação mais próxima do dia-a-dia, essencial para a aprendizagem (p. 50).

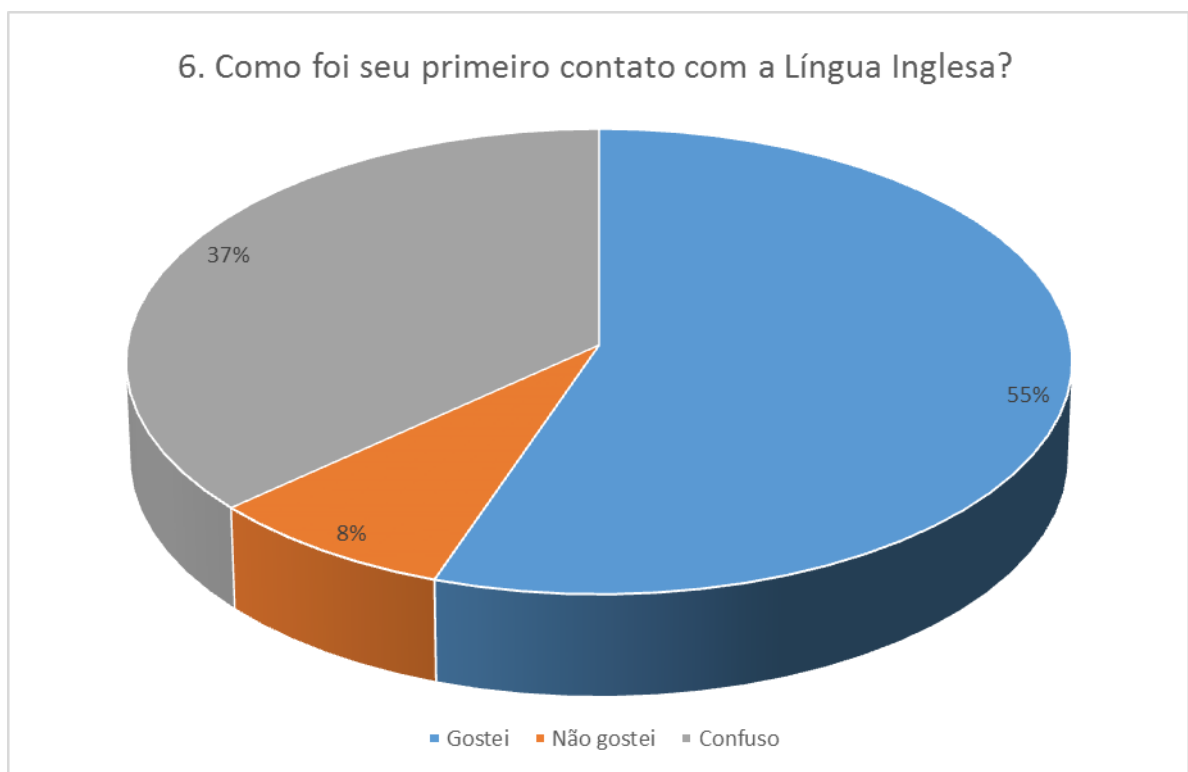
Portanto, é importante procurar meios que levem os alunos a gostarem de estudar a língua alvo e que tenham a capacidade de desenvolverem as quatro habilidades citadas anteriormente. Mas, este é um processo lento e muitas vezes cansativo, o que faz perceber que há uma grande divergência em relação ao que os alunos gostariam de estudar em LI e ao que se tem visto na maioria das escolas.

Aulas diferentes com música, teatro, interpretação oral dos alunos faz com que os mesmos se sintam motivados a aprender, mas surge aí um ponto que deve ser destacado. O professor deve ser cauteloso, pois, buscar novas alternativas e ser capaz de ministrar uma aula que fuja um pouco da proposta do livro pedagógico é sempre bem aceita pelos alunos, mas com a devida sabedoria e cautela para perceber a real necessidade da turma e até que ponto pode avançar com seus alunos.

Esta observação se faz relevante, pois alguns alunos podem demonstrar certa aflição e receio quando a atividade adotada pelo professor exige exposição diante dos

demais colegas. Eles podem alegar que se sentem intimidados com a exposição, por ser o foco da atenção e de possíveis críticas dos demais colegas. Faz-se importante destacar também que os professores ao adotarem esse estilo de aula, que exige maior participação dos alunos, procurem levar os alunos a conhecerem os limites. Ainda nesta mesma linha de raciocínio, de maneira alguma o aluno deve ser prejudicado ou punido, caso não participe das atividades propostas pelo educador.

Gráfico 6.



Fonte: As pesquisadoras

Em relação ao primeiro contato com a Língua Inglesa, 55% dos alunos entrevistados afirmaram que gostaram desde o primeiro momento, 8% disseram que não gostaram e 37% ficaram confusos ao deparar-se com um novo idioma, muito diferente de sua língua materna.

Dado o exposto, nota-se que, por mais que o aluno passe a gostar da matéria, o primeiro contato é sempre diferente, pois se trata de algo nunca visto antes. É neste primeiro momento que o aluno guarda o que vai levar para o restante da sua vida escolar. Por isso, acredita-se que este primeiro momento ou primeira experiência é

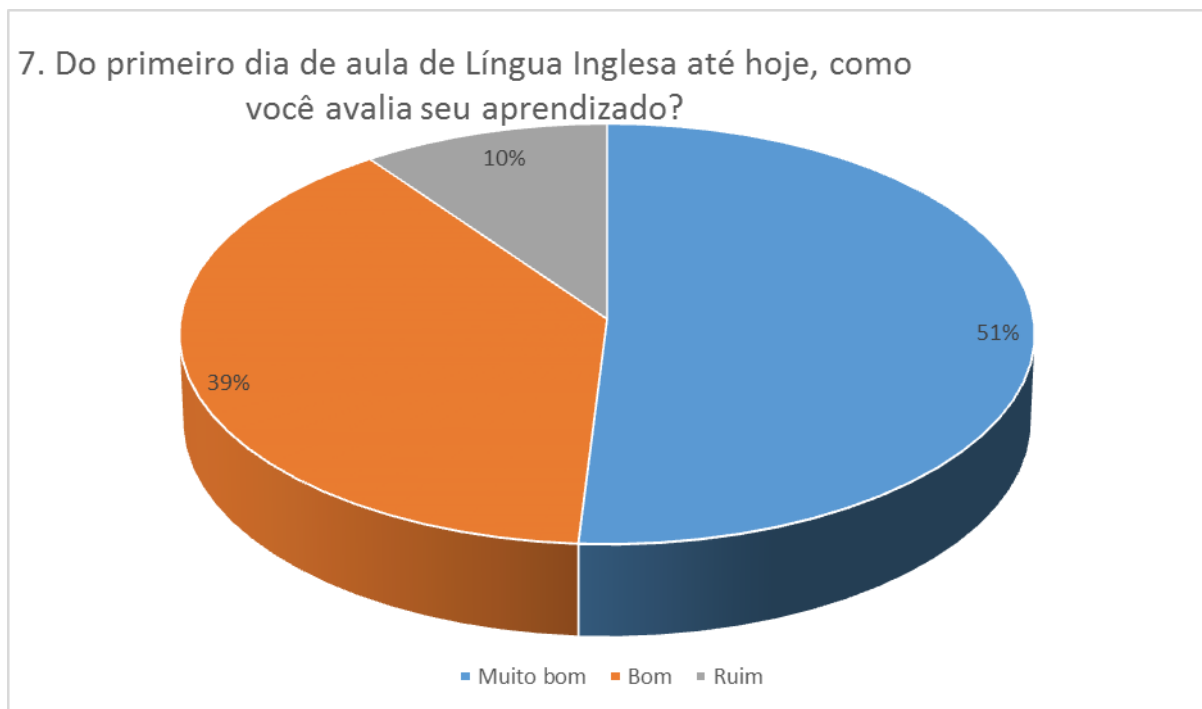
muito importante, uma vez que é através dele que os estudantes decidem gostar ou não de Inglês.

É um momento relevante ainda pelo fato de o discente criar na mente a aversão ou não por uma disciplina que afeta diretamente e indiretamente a vida e o futuro dele. Entende-se que esse incentivo, logo no primeiro instante, é o fator primordial no caminho que desperta no aluno o interesse para a busca do saber. Buscar o conhecimento de uma língua estrangeira é algo que requer disposição e vontade, não só por parte do aluno, mas também do professor e até mesmo da família, que pode atuar diretamente ou indiretamente neste processo.

É comum para um aluno do Ensino Fundamental ou básico, seja no inglês ou em outro idioma, não ter muito interesse em estudar, pois não entende a necessidade de um idioma diferente do seu. A grande parte dos alunos desinteressados costuma dar sempre a mesma desculpa: “Para que eu vou estudar outro idioma se eu nunca vou sair do Brasil?”. Além disso, o professor não pode esperar que o aluno aprenda a gostar de estudar uma língua estrangeira de uma hora para outra, sem motivo algum. É necessário instigar, para isso o mestre deve estar sempre atualizado e preparado para poder lidar com os diferentes tipos de alunos. Sobre isso Veiga (2007) aponta que,

O professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando inovar sua prática e um dos caminhos como tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Uma alternativa para dinamização seria a variação das técnicas de ensino utilizadas; outra seria a introdução de inovação nas técnicas já amplamente conhecidas e empregadas (VEIGA, 2007, p.35).

Antes de conhecê-la como disciplina obrigatória, muitos já a viram em músicas, mesmo assim não conseguem fazer essa comparação, que poderia facilitar a aprendizagem. Hoje em dia, muitas crianças têm contato com a LI muito cedo, desde as primeiras séries escolares. As escolas particulares têm essa preocupação e inserem o inglês desde o primeiro ano escolar. Quando essas crianças, oriundas de escolas particulares, chegam ao sexto ano, a realidade delas comparadas a crianças que vieram de escolas públicas é completamente diferente. Existe hoje a preocupação de algumas escolas públicas municipais de introduzirem a LI no quinto ano, mas isso não se dá de forma homogênea.

Gráfico 7.

Fonte: As pesquisadoras

Em relação ao aprendizado na LI, 51 % dos alunos consideram sua aprendizagem muito boa, 39% intermediária e 10% avaliam sua aprendizagem não muito boa. Esta reflexão com relação ao aprendizado é importante para que os mesmos possam se auto avaliar. Como o mês da realização desta pesquisa é setembro, os alunos avaliados já estão em contato com a LI desde fevereiro, ou seja, já se passaram oito meses desde o início das aulas e no decorrer desses meses eles tiveram pelo menos duas horas aulas semanais de inglês, enfim, adequando-se a língua antes desconhecida e distante do seu meio e de sua realidade. Agora ela já é parte do dia a dia dessas crianças e encarada como mais uma disciplina da grade curricular que precisa ser estudada.

Gráfico 8.

Fonte: As pesquisadoras

Neste quesito, foi perguntado sobre a mudança de opinião dos alunos para com o ensino de LI, desde o primeiro dia de aula até os dias atuais. Assim, 85% disseram ter mudado de opinião em relação a esta disciplina e 15% afirmaram que não. Dos alunos que, no primeiro contato, consideraram essa disciplina desnecessária, a maioria mudou de opinião, passando a valorizar este ensino. Pode-se concluir que a margem de alunos que não mudaram de opinião, talvez não estejam preparados para adquirir novos conhecimentos e por imaturidade, preferam cultivar essa opinião.

Por mais que o indivíduo afirme não gostar de estudar LI, mesmo que seja aberto a novos conceitos e paradigmas, ele acaba gostando e vendo a disciplina com novos olhares, aprimorando seu mundo e sua gama de conhecimento. Outro questionamento feito foi se os alunos viam o inglês da mesma forma que viam antes, 80% dos discentes afirmam que não. Pode-se dizer que essa mudança de opinião está relacionada à maneira como o professor ensina, motiva e utiliza suas estratégias, tornando as aulas cada vez melhor, o que proporciona ao aluno se sentir motivado.

Outros 20% não mudaram seus conceitos em relação a LI. Com relação a eles podem ser que vão à escola simplesmente por obrigação. Alguns alunos são mesmo desinteressados, preocupando-se somente com notas, isto se dá porque eles não se sentem motivados a aprender. Entretanto, estudar não precisa necessariamente ser algo maçante e cansativo, pelo contrário, pode e deve ser algo divertido e prazeroso.

3.3 Resultado do questionário aplicado aos professores de LI

O questionário foi respondido por duas professoras de Língua Inglesa do Ensino Fundamental II, uma graduada na área de atuação e a outra não. O mesmo contém (oito) questões discursivas. As professoras não serão identificadas. O primeiro questionamento foi em relação a qual seria a melhor idade para começar a estudar inglês, a professora “A” respondeu que desde as primeiras séries, isso para que nas séries finais o aluno esteja dominando melhor a LI. A professora “B” disse que é fundamental desde os primeiros anos escolares, assim assimilariam com mais facilidade quando fossem colocados em prática os seus conhecimentos.

Quando foi perguntado sobre a importância da LI na atualidade, ambas disseram ser um idioma muito relevante, a professora “A” complementou dizendo que nos dias atuais é necessário saber ao menos o básico, pois isso ajuda na carreira profissional.

Outra pergunta feita a professoras foi que tipo de atividades seria interessante para desenvolver melhor a LI. Nesse sentido, a professora “A” respondeu ser a prática da oralidade com conversação e aulas diferenciadas, a professora “B” disse que a leitura é bem interessante, pois é através deste ato que se adquire conhecimento. No entanto, não se tem um método ou uma atividade que seja aplicada com total perfeição, cabendo ao professor se adequar a cada situação em sala de aula.

Ao serem perguntadas sobre os materiais que ambas utilizam em suas aulas, a professora “A” citou o livro didático, dicionário, filmes. A professora “B”, além de utilizar os materiais citados pela outra professora, utiliza o laboratório de informática e músicas. Notamos que a aprendizagem é significativa para o aluno quando ele interage com atividades relacionadas ao seu cotidiano.

Outro questionamento levantado constituiu se o ensino para adolescente é o mesmo dado às crianças, a professora “A” respondeu que são momentos diferentes de aprendizagem, mas quando se quer aprender, tudo é possível. A professora “B” complementou dizendo que as práticas utilizadas podem ser realizadas de formas diferenciadas, sem deixar de lado o objetivo a ser alcançado, que é o aprendizado significativo em LI. É importante compreender que cada professora tem seus meios para cumprir sua prática com qualidade. Sabe-se que o ensino de LI ainda encontra vários obstáculos e que muito ainda precisa ser feito para se ter um ensino com maior eficiência e qualidade aos alunos, que estão tendo o primeiro contato com esta língua.

CONCLUSÃO

O trajeto percorrido pelo ensino de LI não constituiu em algo simples, uma vez que muitos obstáculos surgiram, como o preconceito e a não aceitação do diferente. Esta língua foi, por um tempo, tida como secundária, sendo utilizada somente por pessoas que pertenciam a uma classe inferior. No entanto, posteriormente, assumiu seu posto de língua universal, definição esta que possui até a contemporaneidade. No Brasil, o inglês ganhou grande relevância e, por isso, está muito presente no dia-a-dia da população, já que muitas palavras que os brasileiros utilizam são estrangeiras, como exemplo pode-se citar: *hot dog*, *shopping*, *short*, entre tantas outras. Embora o aluno veja estas e outras palavras em inglês diariamente, ele persiste em não dar o devido valor a esta disciplina.

Ao retomar a história do ensino de LI, percebe-se que durante muito tempo ela foi excluída do currículo escolar, mas com o processo de globalização, onde a mesma tornou-se o idioma comum para as negociações, aos poucos ganhou espaço como disciplina obrigatória. Contudo, nem por sua obrigatoriedade, seria bem recebida pelos alunos, visto que muitos destes julgavam-na desnecessária. Por isso, eles não acreditavam que poderiam utilizá-la fora da escola. Aliás, muitas destas opiniões foram formadas no primeiro contato que tiveram com esta língua, pela forma como foi apresentada a eles.

Deste modo, a maneira como o professor trabalha esta matéria no primeiro dia de aula, para uma turma de 6º ano, é determinante para a aprendizagem do aluno. Isso porque, caso o docente utilize uma metodologia tradicional, apenas com tradução de palavras e atividades descontextualizadas na abordagem desta disciplina, o aluno não vai se interessar por estudá-la.

Com o intuito de tornar a aprendizagem de LI mais motivadora e prazerosa ao aluno, surgiram as novas metodologias de ensino, o que deixa as aulas mais dinâmicas, permitindo o uso de diversas ferramentas, como as novas tecnologias, histórias em quadrinhos, músicas, jogos, entre outras. Estas ferramentas são ótimas auxiliadoras para o professor, que além de empregá-las em suas aulas, deve saber a maneira correta de utilizá-las, adequando-as à realidade de seus alunos. A escola

também deve contribuir para este ensino, adquirindo equipamentos tecnológicos e capacitando os professores para o uso destes instrumentos.

Em relação à pesquisa com os alunos do 6º ano, a maioria declarou gostar de estudar a LI, pois a considera importante para o futuro. Eles estão conscientes de que este estudo proporciona melhores oportunidades de crescimento profissional e pessoal. Contudo, alguns ainda não conhecem a relevância desta língua, por isso, afirmaram não gostar da mesma e não se interessar em estudá-la.

Quando perguntados sobre as dificuldades encontradas na aprendizagem desta segunda língua, a maior parte da turma assegurou ter pouca dificuldade. Eles possuem conhecimento nesta língua, embora tenha muitas dúvidas, isso porque o professor não consegue sanar todas as imprecisões em apenas duas aulas semanais. Na avaliação do docente, este foi caracterizado pela maioria como muito bom, que explica claramente os conteúdos, é dinâmico e utiliza diferentes ferramentas em suas aulas. Por isso, quando perguntados sobre sua aprendizagem, a grande parte respondeu que era muito boa.

Na pesquisa com as professoras questionou-se qual seria a melhor idade para aprender inglês, ambas afirmaram que o quanto mais cedo o aluno começa a estudar, mais rápido ele aprende e menos dificuldade terá no futuro. Elas consideram indispensável à aprendizagem deste idioma, apontando inclusive, algumas técnicas que empregam em sala de aula. Portanto, cada docente tem sua maneira de ensinar, eles podem até utilizar as mesmas ferramentas, mas a forma de abordagem nunca será igual. Cabe, porém, que todos façam sua parte com competência e dedicação para um ensino de qualidade, onde desde o primeiro contato, a LI seja valorizada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 6º edição. Editora Pontes. 2010

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **O professor de língua estrangeira em formação**. 3º edição. Editora Pontes. 2009

BAUGH, Albert C. **History of the English language**. New York: Appleton-CenturiesCrofts, 1957.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**. Lei nº 9.294, 20 de dezembro de 1996. Casa Civil Brasília/DF. Disponível em:<http://planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 26/07/2015

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais para o terceiro e quarto ciclos (da 5ª à 8ª série) do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BLOCK, R. Howard. **A needle in the right hand of God: The Norman Conquest of 1066 and the Making and Meaning of the Bayeux Tapestry**. New York: Random House, 2006.

BROWN, H. D. **Teaching by Principles: na interactive approach to language pedagogy**. 2 ed. San Francisco: Longman, 2001.

CELANI, Maria Antonieta Alba. “**Não há uma receita no ensino da língua inglesa**”. Revista Nova Escola, Ed. 222, maio de 2009.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o saber: Elementos para uma teoria**. Porto Alegre. Artes Medicas, 2000.

CUNHA, Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 22º edição. Parirus Editora. 2010.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language**. 2nd ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2003.

DIAS, Maurício. **Sete décadas de história: Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa**. Rio de Janeiro: Sextantes Artes, 1999

FERRO, Gláucia d`Olim Marote ; RODRIGUES, Livia D . **Manual de Línguas Estrangeiras Moderno no Ensino Médio para o ENCEJA - Exame Nacional para a Certificação de Jovens e Adultos**. Brasília: INEP, 2002. v. 1.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

JENKINS, J. **The Phonology of English as an International Language**. Oxford: OUP, 2000. 258p.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Contexturas, Apliesp, n. 4, p. 13-24, 1999.

CUNHA, Maria Izabel. **O bom professor e sua prática. 22º edição**, Papyrus editora. 2010

MÜLLER, Ana Paula Pamplona da Silva. **Pedagogia da Educação Infantil**. Indaial: ASSELVI, 2008.

LIMA, Diógenes Cândido de. **Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: Conversas com especialistas**. Ed. Parábola. São Paulo, 2009.

NOGUEIRA, Marcia Castelo Branco. **Ouvindo a voz do (pré) adolescente brasileiro da geração digital sobre o livro didático de inglês desenvolvido no Brasil**. 2007.182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifício Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10439/10439_1.pdf>. Acesso em 15/08/2015

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Menezes. **A historiografia Brasileira da Literatura Inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)**. Dissertação(Mestrado em teoria literária) - Faculdade de letras, Universidade Estadual de Campinas, 1999. Disponível em:<www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=vtls00188440. Acesso em 15/08/2015

ORTIZ, R. 2006. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo, Brasiliense, 214 p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (org.). **Ensino de língua inglesa– reflexões e experiências**. Campinas, SP; Pontes Editores, 3ª edição – 2005.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (org.). **Ensino de língua inglesa– reflexões e experiências**. A Língua Inglesa no Brasil e no Mundo. Campinas, SP, Pontes Editores, 4ª edição – 2010.

PEREIRA, Ariovaldo Lopes. **O professor, a metodologia e o material de didático: Uma relação delicada no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira**. Anápolis. 2012

ROCHA, Denise Farias. **Importância do Inglês no Mundo**. 2011. Disponível em: <http://www2.ucg.br/flash/artigos/AImportanciaIngles.htm>>.Acessado em: 11/09/2015.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Técnicas de ensino: por que não?**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2007a.

VENTURA, Mauro, **Yes, nós também falamos inglês**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 23 abr.1989
01-12007-issn-1981-6677&Itemid=12m - acesso em 26/07/2015

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo

CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE POSSE- GOIÁS
COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA - MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS

FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

- () Projeto de Pesquisa
(X) Monografia

Declaro que a (s) acadêmica (s) Kelly Pereira Costa e Liliane Alves Vilas Bôas realizaram, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada da Monografia, estando apto a depositá-la, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

- (X) Concluída e finalizada (redigida e digitada).
() Em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).
() Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).
() Realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.
() Não realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.
() Trouxe a Monografia finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

Prof. Esp. Anádia Binda

Orientador

56

**CÂMPUS
POSSE**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE POSSE- GOIÁS
COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA - MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, **Gisele Pereira dos Santos Ferreira**, professor de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa da Monografia do Curso de Letras Português/Inglês da (s) acadêmica (s) **Kelly Pereira Costa e Liliane Alves Vilas Bôas**, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), 05 de Outubro de 2015.

Professor (a)

Professor: Gisele Pereira dos Santos Ferreira

Endereço: Rua 1, Qd 23, Lt. 07, Setor dos Funcionários

Telefone fixo: (62) 3481 1713

Cel.: (62) 9677 8498

57



DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaro para fins documentais que a minha Monografia apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês da Unidade Universitária de Posse (GO), - Universidade Estadual de GoiásUEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Monografia.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), 05 de Outubro de 2015.

Nome do Acadêmico (a)

Nome do Acadêmico (a)

585

ANEXOS

Questionário destinado aos professores de Língua Inglesa do 6º ano do ensino Fundamental II

1. Qual é sua formação?

2. Há quanto tempo você ministra aula de Língua Inglesa?

3. É importante que o professor que ministre a disciplina de Língua Inglesa seja graduado em Licenciatura em Letras Português/Inglês? Por quê?

4. Qual é a melhor idade para começar a estudar Língua Inglesa? Por quê?

60

5. Qual é a importância da Língua Inglesa atualmente?

6. Que tipo de atividades seria interessante para desenvolver melhor a Língua Inglesa?

7. O ensino de Língua Inglesa é igual para todas as idades (crianças, adolescentes e adultos)?

8. Que materiais você utiliza?

Questionário destinado aos alunos do 6º ano do ensino Fundamental II

1. Você gosta de estudar Língua Inglesa?

() Sim () Não Por

quê:

a. É interessante, Eu me identifico com essa língua.

b. É importante para meu futuro.

c. É necessário para passar de ano na escola.

d. Não gosto e não me interessa.

2. Estuda Língua Inglesa é importante para você? Classifique a importância num
ranque de 0 a 10.

Sim Não

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

3. Em relação ao aprendizado de Língua Inglesa você se sente com:

Muita dificuldade Pouca dificuldade Nenhuma dificuldade

4. Marque dois itens que lhe causam dificuldade no aprendizado de Língua
Inglesa:

Falar

Escrever

Entender regras de gramática

Entender quando preciso ouvir

5. Como você avalia seu professor de Língua Inglesa?

Muito bom Bom Ruim Porque:

- a. É dinâmico
- b. Conseguir passar o conteúdo com clareza
- c. Não tem paciência
- d. Não conseguir passar o conteúdo

6. Que atividade você mais gostaria de fazer em aulas de Língua Inglesa:

- Atividades com música
- Exercícios escritos
- Assistir filmes com atividades
- Leitura e interpretação
- Dramatizar teatro

7. Como foi seu primeiro contato com a Língua Inglesa?

- Gostei Não gostei Confuso

8. Do primeiro dia de aula de Língua Inglesa até hoje, como você avalia seu aprendizado?

- Muito bom Bom Ruim

9. Você vê o inglês da mesma forma que via antes?

- Sim Não

Porque:

Ele melhorou com o passar das aulas.

Hoje gosto de aprender uma outra língua.

63

Estudar inglês é legal.

Estudar inglês é chato e cansativo.

10. Sua opinião mudou em relação ao ensino de Língua Inglesa?

Sim Não

Porque:

As aulas são interessantes e dinâmicas.

Pois consigo aprender e realizar todas as atividades.

Ainda acho que não preciso aprender.

Hoje considero o inglês muito importante.